

Organizadores:
Clotilde Perez, Eneus Trindade
Maria Immacolata Vassallo de Lopes
e Márcia Pinheiro Olhson

PPGCOM-USP

50 ANOS:

entre o passado e o futuro, nosso percurso

© Vários autores, 2023

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, sem autorização prévia por escrito da editora, sejam quais forem os meios empregados.

ORGANIZADORES

Clotilde Perez, Eneus Trindade, Maria Immacolata Vassallo de Lopes e Márcia Pinheiro Olhson

DIREÇÃO EDITORIAL

Kathia Castilho e Solange Pelinson

REVISÃO

Leoberto Balbino

PROJETO GRÁFICO E EDIÇÃO DE ARTE

Marcelo Max

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

P146 PPGCOM USP 50 anos : entre o passado e o
1.ed. futuro, nosso percurso / organizadores
Clotilde Perez...[et al.]. – 1.ed. –
São Paulo : Estação das Letras e Cores, 2023.

Outros organizadores: Eneus Trindade, Maria Immacolata Vassallo de
Lopes, Márcia Pinheiro Olhson.

ISBN : 978-65-5029-027-6

1. Ciências sociais. 2. Comunicação. 3. Pesquisa – Aspectos sociais.
4. Pós-Graduação. 4. Professores – Formação. I. Perez, Clotilde. II. Trindade,
Eneus. III. Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. IV. Olhson, Márcia Pinheiro.

03-2023/64

CDD 300

Índices para catálogo sistemático:

1. Ciências sociais 300

Bibliotecária: Aline Grazielle Benitez CRB-1/3129

Estação das Letras e Cores Editora

Av. Real, 55 – Aldeia da Serra

06429-200 – Barueri – SP

Tel.: 55 11 4326-8200

 www.estacaoletras.com.br

 facebook.com/estacaodasletrasecoreseditora

 [@estacaodasletrasecores](https://instagram.com/estacaodasletrasecores)

Organizadores:
Clotilde Perez, Eneus Trindade
Maria Immacolata Vassallo de Lopes
e Márcia Pinheiro Olhson

PPGCOM-USP

50 ANOS:

entre o passado e o futuro, nosso percurso

2023



Obra financiada pelo:

PROAP
Programa de Apoio à
Pós-Graduação



CCN **USP**
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO



A comunicação como semiose e os desafios da sociedade da informação

Vinicius Romanini

A semiótica como lógica da comunicação

O problema fundamental de minha pesquisa sempre esteve ligado à epistemologia da comunicação ou, mais precisamente, à ontologia dos processos comunicativos. O fenômeno da comunicação não é trivial, ou seja, não pode ser considerado como um dado de partida, irrefletido, e sobre o qual se edificaria uma teoria social aplicada. A comunicação é um processo complexo, que envolve diferentes estados cognitivos, desde a percepção imediata até a argumentação compartilhada socialmente por meio de inferências. Embora as Ciências da Comunicação tenham tradicionalmente privilegiado na dimensão humana e cultural, a comunicação parece ser um processo biossemiótico, ou seja, está associada a processos mentais e biológicos que se baseiam em signos, especialmente símbolos. Os processos de causação observados na natureza (ROMANINI, 2014) são os mesmos que dão a forma geral dos processos comunicativos.

É claro que a comunicação depende de códigos e linguagens para produzir e comunicar sentido. No entanto, há nela extratos mais fundamentais que não podem ser descartados numa abordagem epistemológica

(MACHADO; ROMANINI, 2010). Em primeiro lugar, a dimensão estética que nos obriga a pesquisar a fenomenologia e as poéticas artísticas. Em segundo lugar, a dimensão ética, pois a ação de comunicar é um processo contínuo de escolhas dentro das possibilidades da linguagem e, a cada escolha, se vincula uma consequência a ser avaliada entre os participantes do processo. Essas duas dimensões, nem sempre consideradas nas teorias clássicas, mostram-se bastante relevantes no atual estágio da plataformização da cultura, em que elementos estéticos se sobrepõem à racionalidade simbólica, exigindo novas abordagens éticas para os problemas da comunicação que circula na esfera digital.

Podemos então concluir que a semiótica estuda o fenômeno comunicativo como uma tessitura de signos produzidos, enunciados e interpretados em todas essas dimensões possíveis (ROMANINI, 2015b e 2016), das quais emergem terminalidades, como Jornalismo, Publicidade, Cinema, Artes Visuais, Artes Cênicas, Educomunicação, Ciências da Informação, Relações Públicas etc. As comunicações e as artes são, portanto, expressões da semiose humana ou ação do signo na esfera da nossa cultura. Cabe ao semioticista, munido com a bateria analítica oferecida pela semiótica, escolher os objetos empíricos de seu interesse de pesquisa para explicitar as relações profundas que conectam nossa cognição individual à produção social de sentido e assim explicar os jogos de linguagem que motivam nossas interações sociais. A semiótica pensa a comunicação como uma atividade retórica (ROMANINI, 2018b).

Para desempenhar essa tarefa, o semioticista precisa conhecer com profundidade a tipologia dos signos e suas regras de composição, ramo da semiótica denominado gramática. Além disso, precisa estudar criticamente as proposições comunicativas, pois são elas que expressam a informação a ser compartilhada e asseveram as crenças que embasam os discursos opinativos que circulam na esfera da cultura. Por fim, precisa estudar as formas lógicas dos argumentos usados nos debates de ideias, narrativas e discursos persuasivos que agem na camada mais abstrata da comunicação. A normatividade estética da gramática, a crítica ética das asserções e o método lógico para a produção social de sentido formam os ramos da semiótica que tem as formas de semiose como seu objeto de estudo principal (ROMANINI, 2015).

Fundamentos semióticos da comunicação

A disciplina “Fundamentos Semióticos da Comunicação”, marca minha entrada no PPGCOM da USP, é justamente a que procura explicitar a estrutura em andaimes e os níveis crescentes de complexidade envolvidos na perspectiva semiótica aplicada à comunicação. A perspectiva semiótica engloba o pragmatismo como um método para esclarecer o significado dos símbolos compartilhados numa comunidade. A lição primeira do pragmatismo é considerar o significado do símbolo como a soma resultante de todos os efeitos (ou consequências) que ele seria capaz de produzir, ainda que virtualmente. O significado, portanto, não um campo apriorístico aceito como um dado de partida, mas algo em contínua evolução e desenvolvimento por meio da experiência compartilhada socialmente. E a informação semiótica é justamente esse diferencial que se realiza na dinâmica do tempo como acréscimo de significação ao longo da experiência. A informação semiótica pode ser decomposta em dois eixos: 1) o da compreensão, que concentra o desenvolvimento dos atributos do símbolo; 2) o da extensão, que concentra o aumento da capacidade de denotação do símbolo. Predicar por meio de atributos gerais ou indicar por meio de seletivos lógicos são as duas principais funções dos símbolos durante o processo de comunicação. Esses conceitos são importantes para entender também a desinformação como produtora de sentido social, algo que a teoria da informação de Shannon, baseada na incerteza associada a sinais de um código, não consegue fazer (RIPOLL; OHLSON; ROMANINI, 2022).

A proposição e, mais especificamente, a asserção pela qual participantes da comunidade expressam suas opiniões e colhem os resultados de sua expressão, inclusive éticos e morais, é considerado na semiótica o tipo de símbolo que merece especial atenção. Por exemplo, é por meio de proposições que símbolos atual culturalmente. Uma publicidade, uma reportagem, um livro, uma peça de teatro, um programa de televisão ou um site na internet são exemplos de símbolos proposicionais agindo na esfera da cultura, produzindo efeitos que movimentam o sentido. A partir desse princípios, podemos

estudar a pletora de classes de signos que vive no interior das trocas simbólicas: ícones, índices, metáforas, diagramas, metonímias e uma infinidade de subdivisões a depender do grau de refinamento desejado pela análise semiótica.

A comunicação passa, então, a ser compreendida como um sistema lógico complexo em que, sob a coordenação do símbolos, todos as demais classes de signos são mobilizadas e articuladas para gerar sentido socialmente. Se os canais de comunicação são estruturas espaçotemporais por onde a informação semiótica se propaga, os meios de comunicação são as estruturas lógicas por meio das quais códigos são gerados e linguagens são criadas e se desenvolvem continuamente para explorar as possibilidades de geração de sentido da esfera da cultura. As linguagens que nascem com as redes sociais, por exemplo, se servem de um novo canal (a internet), novos códigos (os protocolos da rede mundial de computadores e seus desdobramentos em interfaces, plataformas, aplicativos etc.) para ocupar as novas dimensões de redes de interação, como Facebook, Twitter, Whatsapp, TikTok etc. (ROMANINI, 2012). Em cada uma delas, as linguagens crescem e se desenvolvem com especificidades que incluem a criação de novos gêneros e hibridizações com linguagens anteriores. Todos esses fenômenos são semióticos e geram objetos empíricos para semioticistas, embora apresentando sempre desafios teóricos e epistemológicos para quem estuda os fundamentos da comunicação.

Teoria dos sistemas e da auto-organização

A teoria dos sistemas oferece um arcabouço conceitual importante para pensarmos a comunicação social em tempos de globalização, plataformização da cultura e computação ubíqua, principalmente se unida aos preceitos da semiótica. O principal diferencial dessa abordagem é focar nas relações ao invés da materialidade constitutiva dos sistemas comunicativos. E relação é uma propriedade dos signos gerais, especialmente símbolos. Um sistema pode ser definido simplesmente como um agregado de coisas (sejam entidades materiais, como objetos, partes, ou entidades racionais, como números, figuras

geométricas etc.) que estão em qualquer tipo possível de relação de forma a gerar uma propriedade emergente, ou seja, um atributo que não pertence às coisas particulares mas que emerge justamente como resultado das relações. Todo sistema existe num ambiente mais amplo que, por sua vez, também é um sistema. A abordagem sistêmica é holística, ou seja, considera que as propriedades definidoras do sistema pertencem à sua totalidade e não podem ser reduzidas às partes componentes. Ela também implica uma hierarquia complexa de hólons, em que estratos mais internos (intrínsecos) de um sistema apresentam parâmetros, como estrutura, coesão, funcionalidade e organização; e estratos mais externos (extrínsecos) desenvolvem parâmetros como o de auto-organização e de comunicação com o ambiente e com outros sistemas. A comunicação, portanto, é um fenômeno característico de sistemas complexos capazes de auto-organização (ROMANINI, 2014a). Esses sistemas são capazes de implementar homeostase, ou autorregulação de seus parâmetros internos, o que lhes permite permanecer no entorno de estados dinâmicos estacionários distantes do equilíbrio termodinâmico. Essa configuração especial também lhes garante uma hipersensibilidade às condições iniciais, o que lhes garante um grau especial de liberdade, imprevisibilidade e criatividade.

A comunicação social humana é um ótimo exemplo de fenômeno sistêmico complexo regido por dinâmicas hipersensíveis, em que interações em níveis mais fundamentais do sistema podem produzir reverberações e ressonâncias imprevisíveis, a ponto de mudar inclusive as propriedades mais gerais do sistema, transformando sua essência. As plataformas de redes sociais têm demonstrado que o entendimento dessa dinâmica é importante para compreender fenômenos comunicativos em geral mudanças estruturais. Esses movimentos de longa duração, alimentado pelas interações em tempo real das plataformas de redes sociais, são exemplos de como sistemas complexos podem entrar em deriva e caminhar para catástrofes a partir de reverberações nos extratos mais básicos que alteram suas relações com grande hipersensibilidade – um fenômeno popularmente conhecido como “efeito borboleta”.

A semiótica entende esses sistemas dinâmicos complexos como símbolos que se transformam por meio da quebra de hábitos (padrões),

a partir da introdução fortuita de novidade (ícones), expansão de sua capacidade de reagir concretamente no espaço-tempo (índices) e, por fim, a capacidade de produzir efeitos gerais por meio de uma contínua seleção das novidades para quebrar velhos hábitos e introduzir novos, alterando as configurações sociais e a produção de sentido entre os participantes da comunidade. A semiose, portanto, pode ser descrita como um processo contínuo de transformação dos parâmetros de sistemas complexos em comunicação – perspectiva que oferece uma visão original e interessante para os fenômenos comunicacionais da contemporaneidade, principalmente as teorias e modelos do século passado, baseados na linearidade da transmissão de sinais entre emissores e receptores por meio de um canal. A teoria dos sistemas complexos associada à semiótica já não divide agentes comunicativos de forma estanque, mas adota a perspectiva holística que vê a significação como uma propriedade primitiva desses sistemas e que deve ser considerada real e geral. Para o semioticista de extração peirceana, o realismo metafísico é uma imposição lógica.

Comunicação, semiótica e tecnologias cognitivas

Diante dos recentes desafios trazidos pela introdução de tecnologias cognitivas no campo da comunicação, busquei uma visão interdisciplinar que perpassa as humanidades, as biociências e as ciências da computação. A partir de 2023, passei a oferecer no PPGCOM a disciplina “Comunicação, Semiótica e Tecnologias Cognitivas” para compartilhar a nova fase de minhas pesquisas sobre a epistemologia da comunicação.

As ciências cognitivas ocupam justamente esse espaço de interface, procurando entender fenômenos cognitivos, tais como percepção, emoção, representação, inteligência e, claro, a própria comunicação (IBRI; QUEIROZ; ROMANINI, 2017). O **princípio da minimização da energia livre** e sua versão teleológica conhecida como **inferência ativa** unem conhecimentos da física e da matemática, têm sido usados para a arquitetura das redes neurais usadas no aprendizado de máquina profundo (ROMANINI, no prelo). Conceitos como autopoiesis, cognição situada e incorporada e mente estendida foram unidos aos arcabouço tradicional da teoria dos sistemas auto-organizados para compreender

o atual estágio da comunicação humana, que começa a se servir de inteligência artificial para a produção de narrativas (do jornalismo à ficção), investigação científica, criação artística e, até mesmo, a simulação de afetividade na interação com seres humanos.

A inteligência artificial entrou no cotidiano das sociedades da comunicação desde que, na primeira década do século XXI, os computadores passaram a ter uma capacidade (e velocidade) de computação e memória suficiente para simular processos cognitivos humanos. Os métodos de computação associados ao “big data” identificam padrões de comportamento de agentes cognitivos que podem ser individuais ou de grupos imensos de usuários das plataformas de redes sociais, exercendo uma capacidade preditiva que lhes confere o poder de, literalmente, fabricar valor e acumular riqueza de uma maneira jamais pensada no passado. A manipulação da opinião pública foi imensamente potencializada com a produção de desinformação (MIELLI; ROMANINI, 2019), discurso de ódio e teorias conspiratórias, que agora circulam sem regulação adequada nas plataformas de redes sociais e colocam em cheque as formas de debate e produção social do consenso necessário para a manutenção das democracias (GUARDA; OHLSON; ROMANINI, 2018).

Entender a produção das crenças por meio da mudança de hábitos socialmente compartilhados a partir da plataformização da cultura é um dos grandes desafios da pesquisa comunicacional da contemporaneidade, para o qual a semiótica e o pragmatismo têm contribuições relevantes para oferecer (CALDAS; ROMANINI, 2021). É esse propósito que anima minha pesquisa atual.

Referências

- CALDAS, P. N.; ROMANINI, V. Opinião pública e tecnologia: os impactos do big data nos estudos de opinião pública sob o olhar do pragmatismo. **Trans/Form/Ação**, v. 44, p. 375-398, Marília, SP: Unesp, 2021.
- GUARDA, R. F.; OHLSON, M. P.; ROMANINI, V. Disinformation, dystopia and post-reality in social media: A semiotic-cognitive perspective. **Education for Information**, v. 34, p. 1-13, 2018.

- IBRI, I. A.; QUEIROZ, J, M.; ROMANINI, V. Cognition in Peirce's semiotic *In: Cognitive Science: Recent Advances and Recurring Problems*. **Dalaware: Vernon Press**, v. 1, p. 231-244, 2017.
- MACHADO, I.; ROMANINI, V. Semiótica da comunicação: da semiose da natureza à cultura. **Revista FAMECOS**, v. 17, p. 89-97, 2010.
- MIELLI, R.; ROMANINI, V. A comunicação dominada pelos “big techs” digitais: superabundância informativa, espetáculo, alienação e fabricação de sentido no mundo algorítmico. **Eptic On-Line (UFS)**, v. 23, p. 142-161, 2021.
- RIPOLL, L.; OHLSON, M.; ROMANINI, V. Analysis of the Concept of Disinformation from Peirce's Semiotics. **Linguistic Frontiers**, v. 5, p. 61-68, 2022.
- ROMANINI, V. Tudo azul no universo das redes. **Revista USP**, v. 92, p. 59-73, 2012.
- ROMANINI, V. Prolegômenos para uma teoria semiótica da auto-organização. *In: Auto-organização: estudos interdisciplinares*. Campinas: Unicamp, Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência, v. 66, p. 375-415, 2014a.
- ROMANINI, V. Semeiosis as a Living Process. 1. ed. **Biosemiotics**. Dordrecht: Springer, Netherlands, v. 1, p. 215-239, 2014b.
- ROMANINI, V. La contribución de Peirce para la teoría de la comunicación. *In: GARDUÑO, G. O.; GÁMEZ, L. M. (Coord.). Diez autores clave para comprender la comunicación como metadisciplina*. Cidade do México: Universidade Autónoma del Estado de México, 2015b. p. 135-164.
- ROMANINI, V.. A contemporaneidade de Peirce no pensamento comunicacional *In: Cibertecs: conceitos, interações, automações, futurasções*. São Luis: LabCom Digital, v.1, p. 28-43, 2016.
- ROMANINI, V. A retórica segundo Peirce. *In: Sementes de Pragmatismo na contemporaneidade: homenagem a Ivo Assad Ibri*. São Paulo: FiloCzar, v. 1, p. 195-209, 2018b.
- ROMANINI, V. How Information Gets Its Meaning. **Biosemiotics and Evolution: The Natural Foundations of Meaning and Symbolism**. Dordrecht: Springer, v. 1, p. 117, 2022.
- ROMANINI, V. From perceptron to semiotron: A biosemiotic approach to artificial intelligence. *In: BIGLIARI, A. (Ed.). Open Semiotics*, v. 7 (Semiotics and Artificial Intelligence), Paris: L'Harmatton, no prelo.